ANO 3.º LISBOA—SEXTA-FEIRA, 31 DE AGOSTO DE 1923 N.º 727

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

AS NOTAS

O *Diario de Lisboa* conseguiu publicar, na terça-feira, 21 de agosto, um mapa comparativo entre a circulação fiduciaria e o cambio sobre Londres, entre o escudo-papel e o escudo-ouro, entre o custo da vida e o cambio sobre Londres e a depreciação da nossa moeda comparada com a da Alemanha.

Se dissermos que se trata dum trabalho escrupulosamente feito sob a direcção de alguem que, segundo nos informam, é um dos mais notaveis professores do nosso ensino superior, faremos uma afirmação simplesmente justa.

Qual a significação exacta do grafico que apareceu, na primeira pagina do nosso jornal?

Apresenta-nos, tangivelmente, as razões essenciais que se opõem a um novo aumento do papel moeda.

Efectivamente, aproximando o montante da circulação em 1914 e 1923, vê-se que esta passou de 82.923.000$00 para 1:212.515.680$50, valorizando-se a libra, á medida que o nosso escudo se enfraquecia pavorosamente no seu poder de compra.

Atente-se nisto — com o descalabro da nossa moeda o agio do ouro ascendeu de 20 °|₀ em 1914 para 2.473 °|₀, em 1923!

Pode alguem deixar de sentir calafrios, em presença de numeros tão eloquentes?

Mas ha mais — na aquisição das subsistencias de primeira necessidade, o agravamento do cambio tem operado de maneira a retirar ao escudo quasi toda a medula do seu valor.

Em 1914, com 1$00 enchia-se o cabaz das compras, ao passo que hoje não se paga uma duzia de carapaus.

Ouçam-se as donas de casa e da sua bôca sahirão algumas verdades, bem dignas de serem meditadas por alguns mestres da nossa ruina.

Qual seria, o valor da libra em função do cambio alemão?

O nosso excelente grafico responde logo sem qualquer hesitação — 2.475.000$00.

E' de arripiar semelhante perspectiva!

Esperamos que não se chegou a realisar, pois em tais condições viver é a forma mais torpe de morrer, sem honra nem proveito.

Como desejamos que os nossos leitores formem um juizo seguro sobre o momentoso assunto do aumento da circulação fiduciaria, apresentar-lhe-hemos, num dos proximos dias, um outro grafico em que aparecerão ordenadamente as causas que parecem militar a favor da inflação papelifera.

Sem maldade...

— Que fazem aí os meus amigos?

— Trocamos impressões sobre o «imposto pessoal»...

OS ladrões de joias estão mostrando, em todos os países, uma actividade que não conhece desanimos. Os jornais estrangeiros, quasi diariamente, nos contam as suas proezas.

Assaltam joalharias, roubam, nos expressos, cofres e bocêtas em que se guardam ricos colares, introduzem-se nos hoteis e salões, algibeirando perolas e pedras carissimas...

Ainda agora, em Londres, um lapidario da City ficou sem cincoenta mil libras de diamantes.

Quem lhos levou?

Parece que uma quadrilha internacional cuja organização se estende ás principais cidades da Europa. Os seus membros operam, sobretudo, nos países onde o luxo é mais aparatoso.

Não roubam para matar a fome, mas sim para conhecerem os beneficios da fortuna.

Como estamos assistindo a grandes deslocações da riqueza, passando os pobres a ricos e vice-versa, as joias mostram com um atrevimento canalha, uma provocação insolente, as desordens dos seus triunfos.

Os ladrões que não podem sofrer o seu brilho e as suas scintilações, sem que neles se manifeste o desejo de as desgarrarem dos colos pecadores onde o Diabo as arvora, apresentam-se como tentando, com desinvoltura e elegancia, reconduzir as gentes a bons sentimentos, pilhando-lhes os titulos da sua falsa gloria.

Quando ha anos uma dama da aristocracia russa notou que do quarto do seu hotel, em Londres, lhe tinham surripiado todas as suas perolas, disse com muita indignação:

— «Nunca mais darei esmolas aos pobres!»

Imaginava ela que, distribuindo anualmente umas centenas de rublos pelos hospitais e asilos, conquistara o direito a tornar sagrados os seus haveres... mal adquiridos.

* * *

ROGERIO Perez, uma competencia indiscutivel na especialidade, a que apaixonadamente se consagra, começa hoje a sua colaboração no *Diario de Lisboa* como critico tauromaquico. Vão ter, portanto, os nossos leitores, repetidos ensejos de apreciar as superiores qualidades de tecnica de «El terrible Perez» pseudonimo jornalistico, que esconde uma das mais brilhantes individualidades da «aficion» do nosso tempo. O «Escandalo do espada Gallo», que hoje inserimos na 3.ª pagina é já uma explendida prova do valor que distingue, como critico, «El terrible Perez».

* * *

O *Diario de Noticias*, da Madeira, em resposta a uma entrevista que o nosso jornal em tempos inseriu sobre assuntos madeirenses, demonstra que o actual governador civil do Funchal, sr. Eduardo da Rocha Sarsfield, cumpriu todas as promessas que fez no discurso que pronunciou, no acto da sua posse. Assim o decreto n.º 7.822 foi modificado pelo decreto n.º 8.383, que, no seu artigo 14.º, dispõe o seguinte:

«Para o porto do Funchal são reduzidas de 50 por cento as taxas do artigo 1.º desta lei».

* * *

INFORMA *O Seculo* que as *Camaras de compensação e o cheque cruzado* não serão estabelecidos, por emquanto, aguardando-se melhor oportunidade. Quere isto dizer que se reconheceu que o seu papel não é resolver uma crise monetaria?

A REFORMA do teatro Nacional, inserta no *Diario do Governo* de ontem, é um documento bem intencionado mas deficiente.

Sobeja-lhe em boas intenções o que lhe falta em ideias novas e desempenadas.

E se atentarmos na dificuldade de se cumprirem á risca determinadas clausulas, dificuldade que a politica de bastidores tornará quasi sempre invencivel, chegaremos á conclusão de que o funcionamento do nosso primeiro teatro continuará sendo tão irregular como antes de elaborada a reforma.

A arte teatral exigia que se fizesse uma remodelação total das condições de vida da «Casa de Garrett».

Não foi isso que se fez.

Houve alterações aqui e ali, mas no fundo ficou tudo como estava.

Dentre de pouco tempo já ouviremos falar numa nova reforma do teatro Nacional, porque essa necessidade se ha de fazer sentir.

Oxalá que assim não fôsse.

* * *

POR amavel deferencia da Companhia Eastern Telegraph e Companhias Associadas recebemos, na integra, o discurso que o sr. Teixeira Gomes proferiu, no banquete que a Camara Portuguesa de Comercio de Londres lhe ofereceu, no Hotel Claridger.

Como os nossos colegas da manhã o tornaram já conhecido, nós limitamo nos a salientar a sua alta significação, sobretudo pelas indicações que encerra ácerca da orientação que o presidente eleito da Republica imprimirá á nossa politica internacional.

* * *

O SR. ministro das Finanças vai nomear uma comissão para fiscalisar o rendimento dos novos impostos, nomeadamente o das transações.

E' de esperar que dos seus trabalhos se apure esta lição — quando a moeda se desvalorisa e os impostos crescem, estes tornam-se duma cobrança tanto mais dificil quanto maior foi o optimismo credulo com que foram votadas.

* * *

MELLE Tamansheva, uma formosissima actriz da Georgia, vai casar-se com o gran-duque Vladimirovitch, primo do ultimo czar de todas as Russias. Trata-se dum casamento de amor. As tempestades da politica têm restituido a alguns principes o conhecimento do seu proprio coração. E' por isso que se apaixonam com tanta frequencia pelas mulheres de teatro?

* * *

ALMADA Negreiros, que é um moço artista cheio de talento, parte brevemente para Madrid, onde se propõe tornar conhecidos e apreciados os seus belos desenhos. Ele por si representa um valor que, ao contrario da nossa moeda, não receará a alta cotação da peseta.

* * *

DEVE realizar-se ámanhã, na sala das sessões da Junta de Credito Publico, o sorteio de 291 titulos do emprestimo de 2 por cento de 1905, que têm de ser amortizados, sem premios, em 1 de Abril de 1924.

* * *

ASSEGURAM-NOS não ser exacta a noticia que dava o sr. ministro de Espanha como prestes a abandonar o seu posto.

Pelo «sport»

DUAS CARTAS

O Sport Lisboa e Bemfica e o Sporting Club de Portugal

Como haviamos prometido ontem, temos hoje o praser de dar em primeira mão aos nossos leitores, duas cartas trocadadas entre as direcções do Sporting Club de Portugal e do Sport Lisboa e Bemfica, em virtude do mandado de despejo com que foi ameaçado o primeiro destes clubs.

Ao ter conhecimento da ameaça suspensa sobre o grande club do Campo Grande, a direcção do Bemfica enviou para o Sporting a carta que segue:

Ex.mo Senhor Presidente da Direcção do Sporting Club de Portugal:

Tendo constado nesta agremiação que, por força de um pleito judicial, se pretende fazer sair essa colectividade dos campos atleticos que de há muito vem usufruindo com manifesta vantagem para o desporto nacional, esta Direcção, lamentando profundamente o facto que, oxalá, não tenha confirmação, tem a honra de vir informar V.Ex.as que, em sua sessão de hoje foi aprovado por unanimidade, pôr á disposição dessa colectividade, para continuação dos execicios fisicos dos seus dignos socios, os campos e salas que o Sport Lisboa e Bemfica actualmente disputa em Bemfica e os campos que adquiriu por compra nas Amoreiras, nos quais vão muito em breve iniciar-se as obras de instalação.

De V. Ex.as M.to A.tos e V.res

(aa) Bento Mantua, presidente
Cosme Damião, vice-presidente
Eduardo Martins Pereira, secretario
Ilidio Nogueira, vice-secretario
José Moreira Gomes, vogal

Quaisquer comentarios que ousassemos fazer a esta carta, seriam indignos dela, por frouxos.

Vale mais deixa-la singelamente aí, á admiração dos leitores, em toda a sua belasimplicidade.

Para complemento, daremos ainda a resposta da direcção do S. C. P.

Exm.º Senhor Presidente do Sport Lisboa e Bemfica:

Acusamos recebida em devido tempo, a vossa prezada carta de 1 do corrente, da qual com muito prazer tomamos conhecimento, agradecendo reconhecidos as amaveis palavras e o vosso oferecimento que muito nos captivou.

Acrescendo a circunstancia de que tal oferecimento provêm do nosso mais leal e antigo adversario sportivo, esta direcção dele faz o devido registo, e com ele abrirá o seu relatorio de gerencia. E não temos duvida em afirmar que ele abre duma forma tão brilhante para o club que dirigimos, que dificilmente se encontrarão paginas identicas no seu decorrer.

Aceitai, pois, os nossos mais calorosos agradecimentos e os protestos de elevada estima, da

Direcção do Sporting Club de Portugal

(aa) Pedro Sanches de Navarro, presidente; dr. Joaquim Oliveira Duarte, vice-presidente; Almiro Maia Loureiro, vice-secretario; Antonio Torres de Sousa, secretario; Firmo Martins, tesoureiro; Antonio Monteiro Liborio, vogal; Francisco Leote, vogal.

Administração Geral do Porto de Lisboa

AVISO

O Conselho de Administração do Porto de Lisboa faz saber que, tendo resolvido que o serviço de Trafego nos seus Entrepostos passasse a ser feito sob o regimen de «Cais Livre», por o julgar mais conveniente não só aos interesses do Estado como aos do comercio em geral, deixará de cobrar, a partir do dia 15 de Setembro do corrente ano, as taxas referentes áquele serviço, o qual desde a mesma data ficará a cargo dos interessados.

Lisboa, 30 de Agosto de 1923.

O Administrador Geral
Jacinto Simões

O MOMENTO FINANCEIRO

O cheque

CRUZADO

Do livro «Do cheque»

do ilustre professor sr. dr. Lobo d'Avila Lima

Do notavel livro do sr. dr. Lobo d'Avila Lima — Do Cheque *transcrevemos, com a devida venia, o seguinte trecho sobre o regime juridico do* cheque cruzado:

O «cheque cruzado» ou o «cruzamento do cheque» é uma providencia destinada a evitar que o «cheque» possa ser recebido por outrem, que não seja o seu legitimo possuidor. E' uma criação inglesa o «crossed chek», sendo naturalmente inglesa a sua historia.

Praticavam de ha muito os ingleses «o cheque», tal qual é tambem vulgar no Continente, ou seja aquele cheque («open chek») que o beneficiario póde fazer pagar directamente pelo sacado.

A necessidade, porém, de rodear de uma maior segurança o emprego do «cheque», que a pratica comercial ia cada vez mais alargando, e a iniciativa feliz das «Clearing-houses», cujos empregados começaram a inscrever nos corpos dos cheques o nome dos seus respectivos patrões a fim de facilitar o trabalho de compensação, determinaram a consagração do «crossed chek» ou «cheque cruzado».

O «cheque cruzado», cuja figuração material consiste em ser atravessado a meio do rosto e no sentido transversal por duas linhas ou barras paralelas, só póde ser pago, como já dissémos, por um banqueiro. A operação do «crossing» ou cruzamento tem, pois, por fim assegurar o seu pagamento, sem restricção da negociabilidade ou circulação do «cheque», e com o razoavel objectivo de obrigar o seu portador a apresentá-lo a pagamento por intermedio de uma pessoa ou firma de bom e reconhecido conceito comercial. O «cruzamento» é, assim, uma providencia que, como dizem certos autores, «personalisa» o «cheque»; e não só perosnalisa, parece-nos, mas tambem e, em determinadas condições, «domicilia» o titulo, cuja tendencia evolutiva para a «especialisação», se torna, por tal forma e aperfeiçoamento, evidente. Desde logo se compreende a vantagem especial, que essa especie de «cheque» trás ao beneficiario, o qual, dada a hipotese duma perda ou roubo, muito facilmente poderá saber e perseguir aquele ou aqueles a quem o titulo houver sido indevidamente pago; e, por outro lado, o portador irregular dum «cheque» cruzado terá bem mais dificulade no reembolso do que se o fôr dum cheque vulgar, atenta a necessidade de «identificação» que acompanha aquela categoria.

Ha duas especies de «cruzamento»: «o cruzamento geral (géneral crossing) e o cruzamento especial (special crossing)». O primeiro é o cruzamento puro e simples, sem designação do banqueiro pagador, o que monta a dizer que tal «cheque» póde ser apresentado a pagamento a uma entidade bancaria qualquer; outro tanto não sucede, porém, com o «cheque» adicionado do «cruzamento especial», o qual só póde ser apresentado a pagamento a um banqueiro determinado ou seja áquele, cujo nome figura no «crossing». Em verdade, o sacador, tendo conhecimento do banqueiro do beneficiario, póde, para maior garantia deste, «cruzar o cheque», com menção «especial do nome» desse banqueiro. A pratica do «special crossing» é corrente em Inglaterra, em cujos titulos cambiarios é frequente ler-se «Chèques to be crossed by the Bank X».

O «cheque cruzado oferece modalidades, na medida mesma em que a sua negociabilidade se vai restringindo e, paralelamente, aumentando a garantia pessoal do beneficiario. Tais modalidades representam verdadeiros sucedaneos do «cheque cruzado» e são tambem legitimas creações da pratica comercial inglesa.

Uma dessas modalidades é a que os ingleses chamam «Chèque «not negotiable». O sacador ou o portador legal dum cheque póde, de facto, acrescentar ao «crossing» as palavras «not negotiable». Desde logo, quem quer que receba um «cheque cruzado não negociavel», assume cumulativamente a responsabilidade por todos os perigos e riscos e o direito á quantia do respectivo montante.

Um «cheque cruzado não negociavel» é sempre transferivel, mas a sua negociabilidade é naturalmente limitada, dado que a sua condição ou efeitos são, pouco mais ou menos, os efeitos e condição dum «cheque» já satisfeito. Em principio, o portador dum titulo legal póde sempre transferi-lo e o endossado adquire direito ao pagamento, mas se o titulo do endossante fôr defeituoso, o endossado não tem jus á protecção legal ordinaria concedida ao legitimo portador do «cheque». Esse é o caso do «cheque não negociavel». Suponhamos, por exemplo, que um «cheque» nessas condições é roubado, que o ladrão o transfere a um comerciante e que este por sua vez obtem o seu desconto dum banqueiro. Dada a feição especial do titulo, a operação foi ilicita, e desde logo o comerciante tem obrigação de reembolsar o verdadeiro proprietario do «chéque».

A pratica inglesa conhece ainda uma outra modalidade do «cheque cruzado», a mais restricta de todas: é aquele que contem a clausula «for account of payee» ou «for account of payee only». Qual é o efeito dessa clausula, que, aliáz e a alguns autores se afigura grandemente discutivel? O efeito é de tornar o cheque não sómente «não negociavel» mas tambem «não transferivel», o que dá em resultado que o seu pagamento só póde exclusivamente ser feito á pessoa mencionada no corpo do «cheque» e na condição de beneficiario. Como consequencia da inserção de tal clausula, certo é elevarem-se ao maximo as garantias de pagamento relativamente ao sacador e ao beneficiario; isto, porém, faz-se, como facilmente se compreende; com todo o prejuizo da circulação do titulo, que por essa forma fica totalmente anulada.

Como tivemos ensejo de frizar, o Codigo Comercial Português só reconhece expressamente o «cheque nominativo» e «ao portador» e ainda aquele a que chama o «cheque a praso».

Procurámos completar a eficacia do texto português mediante uma interpretação extensiva quanto possivel. Tal interpretação, porém, não poderá ir até ao ponto de incluir na substancia do exto legal aquilo a que el se manifesta claramente alheiado. Este é o caso das ultimas e mais modernas especies de «cheque», como sejam o «cheque cruzado» e o «cheque postal», a que nos acabamos de referir. Evidentemente que a lei portuguesa não condena, por sua expressão ou ainda pelo seu espirito, tais especies; todavia, facto é, por outro lado, que dessas especies não fez menção e, consequentemente, nenhumas garantias se conhecem para estimulo e acompanhamento da sua pratica

De resto, a rotina dos nossos usos comerciais não se tem demonstrado mais diligente do que o foi o legislador. Pondo de parte o «cheque postal», que é predominantemente uma creação do Estado, a verdade é que o «cheque cruzado» cujas vantagens são manifestas, é entre nós uma cousa completamente desconhecida, se não teorica ao menos praticamente. Usam-no, é certo, algumas e mais importantes casas bancarias nas remessas para o exterior, principalmente para Inglaterra; igual iniciativa, porém, se não manifesta no giro propriamente interno. A'queles, a quem satisfaz a justificação simiana dos males e inferioridades proprios pelas inferioridades e males alheios, cabe explicar o facto pelo relativo insucesso do «cheque cruzado» nos paises chamados latinos; por nossa modesta parte preferimos fazer votos porque os futuros reformadores do direito mercantil português se não esqueçam de introduzir em seu texto uma inovação, a qual, se gisada nos moldes da creação anglo-germanica, representa um util e razoavel aperfeiçoamento do maquinismo circulatorio do instituto do «cheque».

MAQUINAS DE ESCREVER
IDEAL
A mais completa, accessorios e reparações garantidas. Quintino Ltd.ª Tel. N. 4225. ESCADINHAS DO DUQUE, N.º 3, 1.º (Proximo á estação).

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.

Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras

D. Maria Domingas Figueiredo Cabral da Camara (Belmonte), D. Maria Celina Sauvayer da Camara, D. Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Braamcamp de Mancelos, D. Aldegundes de Mendoça Zilerri Dal Verme e D. Mariana de Melo Vaz de Sampaio.

E os srs.:

D. José Maria Berquó (Viana), dr. Raul Leal, José Luis de Saldanha e Castro, Luis de Meneses de Melo Vaz de Sampaio, Luis Guilherme d'Orey, José Maria Duarte da Cruz Caleia, José Queiroz de Andrade Pinto e Augusto Pereira.

Casamentos

Realisou-se ha dias, na paroquial igreja de Santos, sendo celebrante o reverendo prior da freguezia, sr. dr. Ribeiro Coelho, o casamento da senhora D. Ermelinda de Castro Norton de Matos, gentil filha da senhora D. Maria Luiza de Castro Norton de Matos e do sr. dr. Arnaldo Mendes Norton de Matos, com o distinto engenheiro sr. Antonio Carneiro de Sousa Pires, filho da senhora D. Maria Amelia Rebelo Carneiro de Sousa Pires e do sr. dr. Adolfo Maria Sarmento de Sousa Pires, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos os paes dos noivos.

Finda a cerimonia religiosa foi servido, em casa dos paes da noiva, um finissimo lanche da Garrett, seguindo depois os noivos para a casa do Campo da Paz, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

—Ha dias, realisou-se na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira o casamento da senhora D. Maria da Nazareth Teles Martins, interessante filha da senhora D. Alice de Ultra Machado Teles Martins, já falecida, e do coronel do Estado Maior sr. Luiz Carvalho Martins, com o sr. Mario de Freitas Sousa Brandão, filho da senhora D. Maria das Dores Brandão e do sr. dr. Viriato Brandão, já falecido, tendo servido de madrinhas a senhora D. Maria da Nazareth Martins e a mãe do noivo e de padrinhos o pae da noiva e o sr. dr. Viriato Freitas Sousa Brandão, irmão do noivo.

Finda a cerimonia religiosa foi servido na residencia dos noivos um fino «lunch», partindo os noivos para o norte onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas prendas.

— Na paroquial egreja de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se ha dias o casamento da sr.ª Zenaida Amazonas Costa, com o sr. Ruy Gomes da Costa, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Herminia Rosado e D. Adolinda Costa Santos e de padrinhos os srs. Visconde de Sorraia, major José Lucio Sousa Dias e Anibal de Azevedo.

Terminado o acto religioso foi servido na residencia do noivo, um fino «lunch», partindo depois os noivos para Cintra, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

A caridade

Em Carcavelos

E' amanhã á noite, como temos noticiado, que se iniciam na magnifica quinta da Alagôa, propriedade do sr. D. Vasco da Camara (Belmonte), a elegante festa de caridade, organisada por uma comissão de senhoras da qual fazem parte as seguintes: Mrs. Capel Briant, D. Engenia de Melo Breyner Cabral da Camara (Belmonte), mrs. Godfrey Norton, D. Maria da Conceição Figueiredo, D. Maria Hartwich Nunes, D. Margarida de Melo Breyner Cardoso de Meneses (Margaride), a qual constará de «quermesse», venda de chá e dança, revertendo o produto para o fundo da Casa de Trabalho para raparigas pobres que dentro em breve se iniciará nesta vila.

Esta encantadora festa que será decerto revestida de grande brilhantismo continuará no domingo de tarde.

Em Colares

Amanhã e depois realizam-se nesta vila, no explendido pateo da quinta do Vinagre, amavelmente cedido pelos seus proprietarios, uma grande festa á qual constará de «quermesse», tombola, fogo de artificio e dança, organizada pelo sr. Eduardo de Morais e por sua esposa a sr.ª D. Maria Alice de Brito Capelo de Morais, revertendo o produto a fovor da montagem electrica nessa linda estancia.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa «elite» dará amanhã «rendez-vous» de tarde nas «matinées» do Salão Foz e Chiado Terrasse, e á noite nos teatros São Luis e Maria Vitoria, nos quais a engraçada revista «Fado Corrido» será ampliada com um numero novo, parodia á encantadora canção «Aurora» do reportorio da notavel «tonadillera» La Goya, e no Cinema Condes «soirée» da moda.

Em viagem

Regressaram á sua casa em Lisboa, vindos da propriedade de seus tios no Valado o sr. Sebastião de Caires Fernandes e sua esposa a sr.ª D. Gabriela de Serzedelo Iglesias de Caires Fernandes.

—Com sua esposa e gentis filhinhos partiu para a sua casa em Lamego, o sr. coronel do estado maior sr. Mario de Campos, ilustre professor da Escola Militar.

—Encontra-se já em Cascais, com sua esposa e gentil filha, o sr. Fernando Chelmicki.

—Partiu para a sua casa em Niza, com sua esposa e filhos, o sr. dr. Miguel Maria da Assunção Belo.

—Hospeda de sua cunhado, está em Cascais, a sr.ª D. Lucia da Cunha Castel-Branco e Tavora de Azevedo Lemos.

—Partiu para Alemquer, o sr. Fernando Manuel de Almeida da Mota Marques, gentil filho da sr.ª D. Maria de Almeida da Mota Marques e do nosso presado colega sr. Carlos da Mota Marques.

—Acompanhada de seus filhos partiu para Carcavelos, a sr.ª D. Antonia Maria Goodolfim de Matos Cordeiro.

—Devem partir ámanhã de automovel em digressão pelo norte, o sr. Antonio Alves, acompanhado de sua familia e do sr. tenente coronel de artilharia José Marques Nogueira.

—Para a Beira Baixa, de onde seguirá para as Pedras Salgadas, partiu com sua esposa o sr. José Pedro Moreira.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 h. Telef. 5205

PAPEIS "RIBOLDA"
Para maquinas de escrever, segundas vias e de impressão para duplicadores.
OLIVER LIMITADA
Telef. N. 3158 ... RUA DA PRATA, 250, 2.º

TAUROMAQUIA

O celebre espada 'El Gallo,

e o seu ultimo escandalo

na praça de touros da cidade de Santander

Rafael Gomez Ortéga *El Gallo* é o toureiro mais pitoresco desta geração, como seu pai o foi da anterior. Este, o *señor Fernando*, reuniu a excepcionaes conhecimentos do toureio uma graça e uma filosofia tão curiosa do medo que lhe permitiram ter o *seu logar* ao lado de Mazantini e de Guerrita e que legou a seu filho Rafael que desde Bombita e Machaquito vem atravez de todas as camadas de toureiros mantendo o seu papel, *suis géneris*, ápart e de todos, com triunfos absolutos, com fracassos totais.

A filosofia do pai e do filho consiste em que uma manifestação desagradavel, por mais desagradavel que seja dura minutos e uma colhida pode durar meses ou a eternidade.

Rafael é um artista que encanta publicos e artistas, pela graça dos seus movimentos, pela sua figura harmonica, pelos seus fates de rua e de tourear que são acertos de corte e côr e pela sua cabeça e calva celebérrima que Vasques Dias desenhou com a doçura de conjunto do olhar fatalista e dos traços ciganos, revelados nos labios carnudos, graciosamente carnudos.

Corre mundo a novela dos seus amores com Pastôra Imperio e o seu casamento e divorcio com esta bailarina cigana, prodigio de estatuaria e ritmo, a unica mulher de toda a Espanha digna do Gallo, na opinião de Guerrita.

Neto de toureiros, filho de toureiro e de bailarina cigana, *La Gabrieta*, irmão dum toureiro sabedor, Fernando, e do toureiro mais sabedor de todos os tempos, Joselito, o Gallo reune á picardia cigana a intuição soberana do toureio.

Nenhum como ele toureia parado, tranquilo, erguido como um poste, touros de muitas arrôbas que *babeau* com os seus *pases* de genial improvisação. Nenhum com ele treme, foge e se atira de cabeça para fora da praça ante touritos com aspecto de cabras.

A estes extremos se convencionou chamar *las cosas del Gallo*, duma bondade e espirito de sacrificio que o tornaram, sendo orfão, chefe da numerosa familia, generoso com todos os ciganos que o rodeiam, prodigo e imprevidente, responde aos que lhe aconselham economias que lhe bastará *con dos reales de pescao frito al dia.*

Em arte tem pontos de vista curiosos. Consultado ácerca de *Raquel Meller* e de *La Goya*, optou por esta e indignado com os francezismos estudados de Raquel exclamou: *Eso es lo mismo que comparar um vaso de leche con uno de agua sucia. La Goya lo trae hecho, egual que yó, la outra lo falsifica.*

Uma das maiores *espantás* do *Gallo* foi em Lisboa surpreendido pelo Cinco de Outubro num hotel do Rocio que percorreu em «pjame» e em todas as direcções buscando um esconderijo para o terror desmedido que lhe causavam as bombas e os tiros.

Um emprezario português explorando uma das suas frequentes épocas de fracassos, pagou-lhe uma série de corridas com uma insignificancia que ele aceitou afirmando que lá viriam melhores tempos.

E realmente triunfante de novo após ruidosos exitos em Madrid voltou a Lisboa cobrando ao mesmo emprezario uma fabulosa quantia.

Mas a todas as *espantás* escandalosas e numerosas suprezas a ultima que foi ha cinco dias em Santander, e de que vou tentar dar uma impressão aproveitando o relato que dela faz *Corrochano* no *A. B. C.*

Na manhã do grande acontecimento esteve Rafael no café mais frequentado de Santander, alvo da curiosidade da multidão que parava

Rafael Gomez «El Gallo»

(Desenho de Vasquez Diaz)

para o vêr, e teve com um jornalista, o seguinte dialogo:

—Vais a Italia?

—Sim, vou a Italia. O primeiro touro brindal-o-hei ao Rei de Roma para o qual levo uma carta do Rei de Espanha que diga *Ahi vai Rafael.* Com isto tenho bastante. O segundo touro brindal-o-hei do meio da praça com a espada em alto como um romano de aqueles... como um...

—Gladiador.

—Isso, como um... isso. E acende um dos charutos colossais que traz numa caixa de que se não separa, charuto que abandona após uma chupada, para acender outro que terá egual sorte.

Agora vem o escandalo dessa tarde, na praça: Rafael e o touro não se encontram. O Gallo dá disposições aos toureiros e começa a dar voltas á praça, nunca em direcção ao touro.

Acendem-se luzes nas bancadas. Os espectadores atiram almofadas; as almofadas são de papel e palha.

Uma destas almofadas dá na cara do Gallo, e, como se lhe dessem um tiro, leva as mãos á cabeça e sae correndo para a enfermaria.

—Que lhe aconteceu?—pregunta o medico.

—Deram-me uma pedrada num olho.

—Mas, se não tem nada.

—Pois não vejo; não posso vêr o touro.

E o Gallo opta pela prisão. Já no carcere, num banco de madeira, entre dois guardas, Rafael espera entrestecido.

—Não te affijas—diz-lhe um intimo—apesar de tudo o publico acha-te muita graça.

—Se me acham tanta graça—diz o Gallo sensato—porque me atiram almofadas?

E fica recordando a multidão que o perseguia e injuriava na estrada, do redondel á prisão, a mesma que quiz incendiar a praça nessa tarde, a mesma que o tem aplaudido com delirio e levado aos ombros, triunfalmente, nas outras tardes, nas tardes felizes.

Vai ser interrogado pelo governador, que lhe pregunta colerico porque não muda de profissão.

—Que queré que eu seja, senhor governador? Pedreiro? Se tenho mais aficion que nunca. Não viu que o touro tinha olho de perdiz? Quem foi o pae desse touro? Quando teve um touro de Morube olho de perdiz?

E depois destas preguntas tecnicas, que o governador seguia com estranheza, Rafael baixou a cabeça.

—Porque fugiu da praça?

—O touro e eu não nos encontravamos, porque era de noite, mas acabamos por nos encontrarmos e, quando eu ia começar a tourear, deram-me uma pedrada num olho; levo a mão ao sitio dorido e dão-me outra pedrada na mão, que ficou adormecida. Que faz um toureiro com um olho fechado e uma mão adormecida?

Mas o governador não se dá por convencido e determina que Rafael passe ao calabouço. Este, quando compreendeu o que o esperava, abraçou-se aos amigos que o rodeavam e pediu para escrever, como nos ultimos momentos fizeram os grandes reus—Landru, a Mata-Hari.

Havia um silencio angustioso; Rafael não podia escrever e pediu auxilio a um amigo. O Gallo, passeando cabisbaixo, como quando está na barreira e ha um touro olho de perdiz, dita: «Ex.mo Sr. Marquês de Viana». E na carta para o particular do Rei diz que vai para o carcere, ele que é tão monarquico, e nesta hora, que é a das grandes afirmações, insiste no seu acendrado amor á Monarquia.

Já encerrado, ouvem-se os seus passos e os seus lamentos, até que a clemencia regia lhe manda abrir as portas da prisão, que não abandonou sem antes pagar *churros* e aguardente a todos os presos, seus companheiros.

Conduzido de automovel e depois em luxuoso *siping* a San Lucar, esperavam os seus amigos a desforra gloriosa, mas as noticias que recebêmos pintam uma nova *espantá*, com baile tremulo, fugas de gamo e todo o cortejo das tardes em que lhe sai o touro com *olho de perdiz.*

O que não impede que, atraidos pelo escandalo formidavel, muitos emprezarios o andem buscando, como já o fizeram algumas vezes na propria prisão, para tourear em corridas em que estará melhor que nenhum, ou peor que nenhum.

E' assim o toureiro mais representativo da actualidade.

El Terrible Perez

O contraste...

Um triunfo

LINÁRES, 28 — Touros de Gamero Civico reguláres. «Gallo» no primeiro andou mal, medrosissimo, «pincházos» e «punchaladas pescoceiras». Espantado foge espavorido, recébe um aviso, assobios, gritos de indignação. No quarto toiro que era negro e grande, fez uma «faena» magistral, «catedrática» entre «olés» do publico, musica, delirio, colossal matando, sahiu aos hombros da multidão depois do presidente lhe ter concedido a orelha do toiro.

Urotropina ·Schering·

o mais activo de todos os antisepticos urinarios

Cystite e Pyclite gonorrheica
: : Gonorheia — Ureth·ite : :
: Prostatite Phosphaturia :

Em todas as boas Farmacias

NACIONAL Telef. N. 3049
O mais alegre espectaculo de Lisboa
O que reune maiores elementos de atracção
O CABEÇA DE TURCO
Situações absolutamente imprevistas
Originalissimo entrecho
PEÇA PARA FAMILIAS

SAES «DERMOXA» suprimem todos os sofrimentos: *inchações, transpiração e calos.* — Vendem todas as farmacias e drogarias.— Depositario: M. Brandão, R. Eugenio dos Santos, 99.

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.°

= POLITEAMA =
Emp. Luiz Pereira — Telefone 3:028-N.
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
— Direcção artistica de ARAUJO PEREIRA —
1.ª representação da peça em 4 actos de RAMADA CURTO
A FERA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Jornal d'um poeta

Só ha dias soube que tinha morrido na minha terra o A. Campos. A noticia caiu na minha alma como a sombra dolorida duma cruz. Quereis saber quem ele era, não é verdade?

Transportai-vos comigo ao meu burgo. Ha a Sé Catedral, a estatua severa dum Bispo, Fontelo e as arvores frondosas da sua mata, uma rua Direita serpenteando, nojosa e pasmada, ao ritmo dos tamanqueiros das lojas, um ou outro solar brasonado, uma burguesia pretenciosa que passa os dias dançando, e estradas, muitas estradas, as lindas estradas da Beira, cheias de sol, durante o dia, cheias de luar, durante a noite.

A. Campos era uma sombra caracteristica do meu burgo. Vejo-o subir a rua Formosa, num dia de inverno, alto, magro, misantrópo, uma pera, a tapar-lhe o queixo, de escura melancolia. Morava perto de moinhos, num arrabalde de aguas cantantes que lhe ensinaram o vicio de scismar. Mas era pobre—precisava de ganhar a vida. As letras não dão nada — de mais a mais em Vizeu!

Vá de deixar as aguas, os moinhos, a caneta ingenua e sensivel, com ressaibos de Julio Diniz e Camilo, e vir, estrada acima, quando as padeiras regressam com todo o pão já vendido — e que delicioso o pão de milho de Vil de Moinhos!—té ao escritorio das maquinas «Singer» da cidade.

Foi bohemio—duma bohemia de espirito, e não sei se na sua vida passou alguma sombra de mulher. Vivia só—só como Antonio Nobre, sem o talento deste, escusado é dize-lo, mas talvez com maior sinceridade. A. Campos era um sincero — e ser sincero na vida de hoje é perigoso...

Tinha um espirito de contemplativo acusado na ingenuidade comovida dos seus contos simples. Tinha sonho bastante na sua alma para poder ser alguem. Mas um grande sonho, num burgo acanhado, asfixia.

Pobre A. Campos! Quem te teria acompanhado ao cemiterio?

Vizeu, a tua terra, a nossa terra, matou-te. Quando morreste, já eras um cadaver!

Alves Martins

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50-CHIADO-LISBOA

A quinta do Paço de Pina Manique

Uma carta

Do sr. dr. Mota Cabral, que ontem firmou um interessante artigo no *Diario de Lisboa* sobre «A quinta do Paço de Pina Manique» recebemos a seguinte carta:

...Sr. redactor — O meu artigo publicado no «Diario de Lisboa» de ontem, saiu horrivelmente gralhado. A benevolencia do leitor perdoará, e ele proprio corrigirá muitas. Ha porem um periodo mutilado. Ei-lo, como eu o escrevi: «Nas portinholas tem como brasão de armas: Em campo de oiro cinco faixas de azul ondadas de agua, e entre as ondas um delfim de sua cor. Por orla a legenda: «Fundit Quas Cumque». Em cima o escudo uma coroa de marquês e sobre esta, entrelaçadas as letras I. M. C. R.»

Em de vez de «esqueleto» lê-se, num periodo espelho e noutro espectro. O esqueleto do pobre São Vital continuou a ser maltratado!

Em vez de «Aristons» saiu «Orisbus».

Um concelho em vez «do meu concelho», etc.

Desculpe, sr. redactor, o espaço que lhe roubo. O leitor corrigirá as outras muitas pequenas gralhas.—De v. etc. *Motta Cabral.*

No largo de S. Domingos

Uma vingança tragica

Breve reconstituição do crime de ontem á noite

A prisão e as declarações do assassino

Ha quatro dias, subindo a rua do Ouro, com Reinaldo Ferreira, brilhante camarada de jornalismo, disse-lhe:

—Vou dar-lhe uma nota interessante: você vai ver um homem que morre tragicamente dentro de poucas horas...

Reinaldo Ferreira teve um sorriso incredulo. E eu, então, apontei-lhe um individuo baixo, fato e chapeu cinzento, olhar vesgo, na mão uma bengala, e a saliencia da pistola a destacar-se no casaco.

—Mas morre, porquê?

—Cale-se, e venha andando comigo.

Parámos junto a um numeroso grupo de grevistas que aguardavam a comissão em conferencia no Ministerio da Agricultura. O referido individuo passou perto, medindo os grevistas com o olhar. E ouviu-se distintamente um clamor de maldição:

—E' aquele!... o Antonio Duarte... o traidor!

Seguimos para o Rossio. E em todas as esquinas, por onde ele passava, surgia o mesmo clamor fatidico.

Dali a pouco sabia-se que o referido individuo prendera dois operarios.

Reinaldo Ferreira pediu-me que lhe dissesse as razões da minha previsão, e expliquei-lhe:

—Este Antonio Duarte tomou parte em varios atentados. Conhecia a fundo os elementos mais combativos do operariado, os fabricantes de bombas, os depositos de dinamite, etc. Quando do atentado contra os juizes do Tribunal de Defeza Social, em que entrou, foi preso. Por medo ou por dinheiro, denunciou todos os fabricantes e detentores de bombas que conhecia, indicando os autores dos varios atentados. Como premio, obteve um lugar de auxiliar da Policia de Segurança do Estado, e a missão de prender os seus antigos camaradas.

—Qual foi o resultado?

—A prisão de 50 bombistas e a apreensão de enorme quantidade de material. Atribue-se até a este facto o fracasso da gréve. De modo que não é preciso ser-se profecta, para se calcular que não vive muito tempo...

E Reinaldo Ferreira ficou tão convencido disto, como eu.

* * *

Quando, a noite passada, atravessava o Rossio, ouvi cinco detonações. Corri para o Largo de S. Domingos. No chão, entre uma enorme multidão, estava o cadaver de Antonio Duarte. O seu rosto era uma grande chaga vermelha.

Não me foi dificil reconstituir o crime:

O Antonio Duarte que era um rapaz de 22 anos costumava dormir no Governo Civil. Ontem, foi até á rua Fernandes da Fonseca. Entrando no café Marcial, viu o seu antigo companheiro Daniel Severino, pedreiro—um rapaz de 19 anos—a quem procurava ha muito. Deu-lhe voz de prisão.

Vieram os dois, em direcção ao Governo Civil. O Severino pediu ao Duarte para ir ao mictorio instalado nos baixos do antigo Quartel General, no Largo de S. Domingos. Ao chegar á porta do referido mictorio, o Daniel passou um braço pelas costas do Duarte:

—Então tu prendes um teu camarada?!

E antes que o Antonio Duarte se pudesse servir da sua pistola «Vesta» que já tinha na mão, desfechou-lhe cinco tiros na boca, cortando-lhe em poucos segundos a palavra e a vida.

Acorreu muito povo e o assassino atirou fóra a pistola e fugiu, escondendo-se no quartel de bombeiros, atrás do D. Maria, onde foi preso por um marinheiro.

* * *

O primeiro interrogatorio, no posto do Teatro Nacional:

—Seu malandro! Seu bandido! Porque é que você o matou?!

O Daniel, sereno, apenas um pouco córado, negou, negou sempre:

—E' mentira! Não matei ninguem!

—Não mataste! Atreves-te a dizer isso?

—Não matei. Vinha a passar na altura e fugi... Sou um homem de trabalho.

—Não negues, que é pior para ti!

E havia apartes colericos:

—Foi pena foi eu não saber que tinhas sido tu. Senão...

O Daniel, indiferente a tudo, só dizia:

—Façam-me o que quizerem! Não sou criminoso...

Nos bolsos foram-lhe encontradas duas balas.

* * *

Começava a saida dos teatros, quando o preso, acompanhado pelo sr. Tavares Figueira, por varios agentes da investigação e por muito povo, foi conduzido para o Governo Civil.

O crime pasou logo a ser o assunto da noite. Fizeram-se grupos, aventaram-se hipoteses...

* * *

No Governo Civil. Uma secção da Policia de Investigação. O segundo interrogatorio:

—Não foste, então tu, meu malandro!...

—Não fui, não senhor...

—Não assassinaste o Antonio Duarte?

O preso tem uma caramunha:

—Ora, não querem lá ver? A dizer que eu que matei o homem! Hein!...

Outro agente:

—Mas porque é que o mataste?

O expediente não surte efeito, porque o Daniel continua a negar.

Exprobam-lhe o procedimento:

—Vocês são uns cobardes. Não teem a coragem de matar frente a frente. Só lutam á traição...

Nos olhos do assassino passa um relampago:

—A' traição ...A' traição...

Mas não conclue o seu pensamento.

—Para que trazias balas na algibeira?

—Para nada...

—Quem t'as deu?

—Eu já as tenho ha que tempos!

—Mas quem t'as deu?

—Foi um rapaz. Não sei o nome dele.

—Onde mora?

—Não sei... Não sei... Façam o que quizerem! Eu sou um homem de trabalho...

—Malandro! Se isso são mãos dum homem de trabalho...

E o Daniel continuou a negar, a negar, até que, á 1 hora e meia, os agentes quizeram ficar a sós com ele. Fecharam a porta da secção, e o resto da assistencia foi posta na rua.

Não sei o que se passou durante a noite, entre os agentes e o preso. Sei só que os jornais dizem que mais tarde, «bem apertado», ele confessou tudo, declarando não ter cumplices...

F. C.

Engenheiros auxiliares

A fim de ser devidamente apreciada, a nova tabela de vencimentos, convidam-se todos os engenheiros auxiliares, a comparecerem amanhã 1 de Agosto pelas 21 horas, na séde do Gremio Tecnico Português, á rua de Santa Marta, 217.

Cruzador "Republica"

O cruzador «Republica» que se encontra desde ontem no Funchal, vem novamente em viagem de instrução dos guardas marinha para os diferentes portos dos Açôres.

VIDA ARTISTICA

TEATRO português

em terras de Africa

Tomaz Vieira e a sua "tournée„

Tomás Vieira, um belo actor comico de que as plateias lisboetas andam saudosas, regressou ontem, no *Lourenço Marques*, de Angola e Moçambique, onde fôra em *tournée*, com a *troupe* Violetas.

Encontramo-lo esta tarde no Chiado, com o seu pequeno *Junior* — vidé, adiante, vida e obras —, conversando com uns amigos. Estava ele precisamente a dizer:

— Vim no *Lourenço Marques* com os landins. Até me mandaram guarda de honra...

— Então! A *tournée* deu bons resultados?

— Magnificos. Com a *troupe* — composta de cinco galantes raparigas —, e com o maestro Julio Cristobal, dei espectaculos em Loanda, Benguela e Lourenço Marques.

— Genero?

— Opereta ligeira e revista.

— Nessas cidades apreciam o teatro?

— Muito. Sobretudo, o musicado.

— Os brancos?

— Sim. Os brancos. Os pretos só ao domingo é que têm licença para lá ir.

— Ha lá companhias?

— Fixas, não. Vão ás vezes, artistas estrangeiros. Ainda agora esteve em Lourenço Marques uma companhia grega. Não calcula o auxilio carinhoso que teve por parte da colonia grega que é importante.

— Os artistas portugueses...

— Se quizessem ir lá, encontrariam o mesmo carinho e a mesma protecção da parte da nossa colonia.

— Recebe bem?

— Admiravelmente. Mas tenho sido eu o unico português que lá tenho levado companhias. Da outra vez fui com uma *troupe* dramatica.

— Representou agora...

— Peças arranjadas especialmente para o grupo. Algumas já levadas em Braga, Viana do Castelo e Figueira da Foz!

* * *

Uma declaração que deve ser lida por todos os presentes e futuros emprezarios — que, actualmente, os emprezarios surgem do chão, como cogumelos:

— Em vez de irem para o Brasil, as companhias portuguesas teriam muito menos despesa e maiores proventos, representando em Africa. O Brasil está quasi exgotado para elas, na mão de grandes empresas cinematograficas. Além disso, em Africa, seriam um grande factor de colonisação das nossas possessões...

— O que tenciona fazer agora?

— Descansar uns meses, e depois levar outra companhia para Africa. Dou-me muito bem lá. O publico de Lourenço Marques tem por mim uma verdadeira adoração. O mesmo sucede com o de Angola que tambem me recebe sempre carinhosamente.

* * *

O prometido é devido. Lá vai a historia do gentil apendice de Tomás Vieira:

— O meu pequeno *Junior* é orfão de portugueses residentes em Lourenço Marques. Apanhei-o lá e ensinei-o a fazer cançonetas. . Tem muita habilidade. Hei-de aproveitá-lo bem. Tem deante de si um largo futuro...

— Como cançonetista?

— Como cançonetista, é claro... — apressou-se Tomás Vieira a declarar.

DE LUTO

MISSA

Realisa-se no proximo domingo, 2 de setembro, ás 12 horas, na igreja de S. Domingos, no altar de Nossa Senhora da Conceição, uma missa por alma da senhora D. Judite Costa, esposa do empregado no comercio sr Alberto Costa.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

SCENAS DE LISBOA

QUARTO independente

com porta p'ra escada

Uma explicação que mete espanholas

Os senhores estão fartos de lêr aí nos jornais—ora, se estão!—uns anuncios em que certas familias recatadas oferecem quartos para alugar, com a explicação valorisadora de que são independentes e têm porta para a escada. E não é verdade que a gente fica assim um tanto atrapalhado com os beneficios que podem resultar, para o inquilino, de a porta abrir para aqui ou para acolá, de dar para a escada ou de dar para o corredor? Que dianho de conveniencia especial pode haver na reclamada particularidade?

Como isto era, para nós e, certamente para muitos dos leitores..., uma especie de charada a decifrar, tirámo-nos hoje de cuidados, e pedimos a explicação do caso a um policia, como podiamos ter-lhe preguntado onde fica a rua dos Herois de Kionga, ou a travessa do Pote das Almas.

O agente olhou-nos com cara de espanto; parece que nos julgou recemvindos da provincia; e, emquanto admoestava uma vendedeira de frutas, foi elucidando:

—Isso, é uma grande pouca vergonha! Oh! mulhersinha: já lhe disse que não quero aqui a carripana!

—Pouca vergonha, em que sentido?

—No sentido de... Mau... mau... Isto... em o negocio metendo mulheres, ha sempre sarilhos... Não vê o senhor que... Oh! creatura de Deus, desapareça-me da minha vista! Então hein?! O que você estava mesmo a pedir, era um pontapé na caranguejola, que lhe fizess as peras num figo! Irra! Que é de mais!

—Mas, como ia dizendo...

—Como ia dizendo, isso é uma fita que mete grossa malandrice. Olhe... aqui na rua da Emenda moram duas espanholas que... E depois, se um homem perde as estribeiras... O senhor ja viu uma teimosia assim? Ponha-se a andar, mulher! Ponha-se a andar emquanto é tempo...

—As duas espanholas...

—Tambem alugavam quartos com porta para a escada. Tinham aquilo bem posto. E vai daí um dia destes...

—O que aconteceu?

—A janela, que é no rez do chão, começou alta noite, a aparecer aberta sem ninguem lhe mexer. Aquilo parecia coisa do diabo. A mulher ia lá dentro; não encontrava viv'alma, e fechava a janela. Dali a bocadinho, zás, outra vez a mesma scena. E aquilo durou que tempos, até que a creatura desistiu.

—Almas do outro mundo?

—Olhe que parecia! Mas... eram corpos; e, pela obra que fizeram, de poucos escrupulos de limpesa. Quando, de manhã, as espanholas foram vêr, ficaram horrorisadas Os lençois da cama estavam *ilustrados* com *gravuras* dessas que os garotos pintam ahi pelas paredes; aquilo que parece uma viola, estava arrecadado no guarda-fato; nas gavetas do *toilete* havia perfumes de tombar; e os espelhos, e os retratos, e os bilhetes postais, e os quadros; e tudo... tudo aquilo estava que... oh senhor eu nem me quero lembrar daquela pouca vergonha...

—Prenderam algum?

—Ora! A Investigação lá anda a tratar do caso. O quarto era independente e tinha porta para a escada...—Oh, mulher do diabo, tire-me daqui a fruta com mil raios! E' isto: o senhor não vê como estas malvadas deitam um homem a perder?

SANDALIAS
PARA CREANÇAS E ADULTOS
As melhores e as mais baratas de Lisboa
SAPATARIA CHIADO
96—RUA GARRETT—98

Para as mães lerem...

Uma creança perdida

Comentarios tristes sobre o pequeno Americo

que a policia encontrou abandonado

Anda perdida uma criança, amachucada petala da vida que corre, loucamente, sem destino esse mundo de bitesgas estreitas e de ruelas invias, e não encontra o caminho que a perdeu—esse caminho de casa, que se aprende pelo coração, mesmo com os olhitos fechados, mesmo quando se não sabe ler.

Esse pequenito que sabe falar, apenas para dizer o seu nome, Americo, caíu á rua, tal como um passarito nusinho de penas, embriagado de luz, que ao tentar o primeiro vôo rolasse do ninho, e fosse levado pelo vento, e se perdesse, e não voltasse mais.

Anda perdido o amor, a alegria, o sorriso e o coração duma *mãe*. Quem é ela? Vão lá saber! Talvez a esta hora, Nossa Senhora da pobreza, no lar morto, emquanto seus olhos filtram lagrimas, vivem estrelas, como a seiva duma flor, decantando essencia, ela pense que o seu Americo, coitadinho! durma a somno solto e leve, num coval, sem nome e sem flores. Mas ha tantas mães, leitor! Tantas mães pobres, tantas que sofrem, que amaciam as descarnadas mãos, em cabeças louras, tantas que crucificam os filhos, nos seus peitos retalhados de dôr, e com eles, agazalhando-os, beijando-os, atravessam a sorrir a vida!... Ha sempre um lugar vazio, nas casas humildes... Um lugar que Deus guardou para o filho da rua, para o irmãozito que um dia ha-de chegar, e ha-de dizer: Não tenho mãe!

Pobre Americo! Quem te ensinará agora a chorar?

Porque as lagrimas tambem se ensinam a verter! Quem te encherá a almazita desfeita, que nem mãe sabe soluçar?

No ninho humido e miseravel da rua, que o enchurro leva, a pedra detem, o asilo guarda, e a cadeia por fim, recolhe, essa creancita que tem cinco anos, e só sabe sorrir, e fala, sorrindo, e canta, sorrindo, e olha, sorrindo, numa linguagem doce e profunda de inocencia, toda de ouro em fio, que não tem lagrimas porque só as mães e Deus as entendem—irá de porta em porta, de casa em casa, de rua em rua, de caridade em caridade, rolado, amachucado, abandonado, sem ter quem lhe ensine os caminhos mais curtos da vida, quem encoste o seu coração ao dele, e ambos sintam a dôr, que, repartida, não chega a sangrar.

Anda uma creança perdida! Quere dizer: anda uma felicidade perdida! De que mãe? De que amor?

Um coração, nusinho e tremulo, como uma ara, a chorar, a chorar, sob a chuva, sob o nosso egoismo, sob o nosso romantismo, e ninguem, ninguem lhe estende as mãos!

Oh! a balada dos pés descalços, de mil crianças, roxos, frios, batendo as calçades, pisando a lama, folhas que cairam do tronco macerado do lar, e vão correndo a cidade, de dia, de noite, emquanto se ri, emquanto se trabalha, emquanto se dorme, emquanto se sonha—balada dos famintos, dos pobres, dos rotinhos, das criancinhas, que não pára nunca e que eu sinto pela madrugada, clara de vozes á roda dos lixos, sobre as docas, á volta dos mercados, batendo, batendo a pedra, como cães esfaimados, vendo nas estrelas os olhitos cansados, quentes de lagrimas, a arder em lagrimas, daquelas mães, que eles, afinal, nunca chegaram a conhecer...

UM PREMIO

500:000 «DOLLARS»

PARA OS AVIADORES

QUE EFECTUAREM O «RAID» DE CIRCUMNAVEGAÇÃO

A viagem ao mundo de avião, está interessando vivamente todos os paises. Não é novidade para ninguem que Portugal, Estados Unidos e Argentina, disputam a primasia de esse feito, que glorificaria os aviadores que tiverem a felicidade e audacia de o realisarem.

O comandante Sacadura Cabral continua preparando o seu *raid* monstro, tendo já encomendado os aparelhos especiais para o efectuar. Parece-nos que o nosso governo bem podia dispensar os donativos publicos, cobrindo voluntariamente todas as despesas que tal empreendimento acarreta, porque, como informa a magnifica revista francesa *L'Air*, num magnifico artigo assinado pelo ilustre piloto-aviador George de Povoença, os primeiros aviadores que fizessem o *raid* e circumnavegação area, terão como premio, oferecido pelo Aero Club dos Estados Unidos, a importantissima quantia de quinhentos mil dollars. A mesma revista, publicando o relatorio que o comandante Sacadura Cabral fez sobre a viagem á volta do mundo, não esconde as suas esperanças, de que ele, acompanhado pelo almiranre Gago Coutinho, seja o primeiro aviador a efectiva-lo, em boas condições.

A travessia do Atlantico, diz *L'Air*, é seguro penhor do exito da sua nova tentativa O major Zanni, argentino, e dois ingleses Smith e Mac Millan, prepararam-se para fazer o mesmo empreendimento, sendo apoiados pelos seus governos, que lhes dão todos os recursos navais que necessitam.

O premio de 500.000 *dollars* é verdadeiramente tentador, aparecendo agora muitos pilotos de valor, e mesmo sem ele, que pela ambição da choruda quantia, correm riscos de se tornarem herois...

Os projectos de Zanni e de Smith e Mac Millan provam que o projecto de Sacadura Cabral, não assenta em problematicas hipoteses, mas sim em possiveis realidades.

Pelos teatros

"A Lei dos Morgados"

Conforme noticiamos, a brilhante Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho vai representar brevemente, no Apolo, a peça do velho repertorio «A Lei dos Morgados», escrita ha muitos anos pelo escritor teatral Costa Cascais, que foi general do exercito português e figura de destaque do seu tempo, pois nasceu no começo do seculo XIX. Segundo as nossas informações, «A Lei dos Morgados» é uma linda peça, cheia de emoção e de ternura, a que não faltam por vezes scenas de uma forte intensidade dramatica, conduzidas sempre de forma a despertar o interesse do publico. Como recolistituição de uma epoca, é um belissimo documento historico, porque o guarda-roupa, de Jaime Valverde, é uma maravilha de bom gosto e de rigorosa propriedade. A peça, cuja acção se passa vinte e tantos anos após a ultima invasão francesa, tem soberbos tipos militares que com as fardas da epoca, a que as altas barretinas dão tanto realce, são de um belo efeito. 1830 com os seus velhos preconceitos, os seus costumes e as suas leis de um severo absolutismo, fornecem-nos um belo assunto, em que se debatem os mais nobres sentimentos a par das mais sordidas intrigas e ruins paixões.

«A revista de Praxedes»

Constituiu um grande sucesso a reaparição, ontem, no Avenida, da «Revista de Praxedes», de André Brun, posta em scena com esmero, apurado bom gosto e encantadora «mise-en-scène», que muito honra a empreza que está explorando aquele elegante teatro, á frente da qual figura o actor Abilio Baptista. O publico aplaudiu entusiasticamente toda a peça e os seus interpretes, havendo a destacar o trabalho consciencioso e inteligente do actor Antonio Gomes (da Trindade), que faz um primoroso «compère» e ainda o concurso valioso dos artistas Raquel de Barros. que cantou lindamente, Maria Izabel, Honorina Cruz, Maria Santos, Eugenia Coutinho, Angela Barros, João Silva, José Vitor, Oliveira, etc. «A revista de Praxedes» deve demorar-se longo tempo no cartaz.

La Goya

A notavel artista La Goya realisa esta noite no teatro S. Luiz o seu ultimo espectaculo, regressando ámanhã a Madrid. Querendo significar ao publico de Lisboa a sua gratidão pelo acolhimento entusiastico que lhe foi feito. La Goya cantará esta noite todas as canções que maior agrado obtiveram, além de outras ainda não apresentadas. O espectaculo de hoje no S. Luiz será, portanto, verdadeiramente sensacional.

Atrás do reposteiro

No teatro Sá da Bandeira do Porto fez a sua estreia, no dia 28, a Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, representando com manifesto agrado do publico e grande concorrencia, a peça «Azas Quebradas». A Companhia Oscar Ribeiro-Alberto Barbosa estreia-se no dia 12 no Teatro Nacional do Porto, com a revista «Porto tantos de tal», atualisada pelos seus autores, Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, sendo o elenco constituido pelos seguintes artistas: Deolinda Sayal. Margarida Martinó, Alda de Sousa, Dinah Stichini, Margarida Ferreira, Mercedes Gonçalves, Zulmira Betencourt, Carolina Ramos, Branca Rosa, Herminia Reis, Soares Correia, Alvaro de Almeida, Alvaro Pereira, Gabriel Prata, Santos Carvalho, Aldofo Sampaio, Alfredo Pereira e Manuel Silva. O ensaiador é Henrique Sant'Ana, maestre Bernardo Ferreira; director de scena Gabriel Prata; contra-regra João Dias e maquinista Francisco Sant'Ana.

Contratada pela mesma empreza segue para o Porto esta noite uma Companhia do genero variedades, dirigida pelo «Caballero Castilo», da qual fazem parte os duetistas «Serrana e Moreno» a «coupletista» «Carmencita Cruz» e os acrobatas aereos «Os Matos». Este grupo vai trabalhar no Aguia de Ouro.

—E' hoje, finalmente, que no Politeama se representa, pela primeira vez, a peça original do dr. Ramada Curto, «A Féra», cujo protogonista, figura doentia de alcoolico, será desempenhada pelo ilustre actor José Alves da Cunha.

—Segue amanhã para as Caldas da Rainha, onde representará, no teatro Pinheiro Chagas, a peça «Uma mulher sem importancia», a companhia Lucilia Simões-Erico Braga.

—A peça que está em ensaios, no Nacional, adaptada pelo ilustre comediografo Eduardo Schwalbach, intitula-se «A Botija».

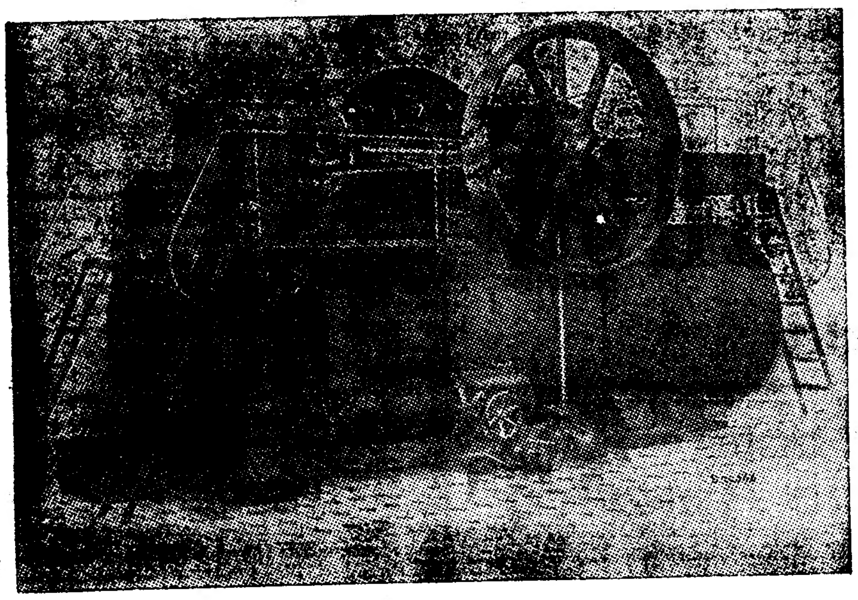
—A peça «As pupilas do sr. Reitor», em scena no Apolo, apesar do seu sucesso, apenas se conservará em scena até ao dia 5 do proximo mês.

POLITEAMA
HOJE
A FÉRA

EMPREZA TECNICA INDUSTRIAL, L.DA

Sede em Lisboa
Rua da Boa Vista, 43
Telefone C. 397

Filial no Porto
Rua das Carmelitas, 40



Representantes para Portugal de locomoveis e semi-fixas **LANZ**

MAQUINAS PARA TODAS AS INDUSTRIAS

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO

Artigos de escritorio — Material para desenhadores

—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

AVEIRO

Companhia Aveirense de Navegação e Pesca

EM LIQUIDAÇÃO

A comissão liquidataria nomeada pelo Tribunal Comercial, anuncia que no proximo dia 2 de Setembro, pelas 15 horas, na antiga sede da Companhia, na Avenida Central, se venderão em hasta publica os seguintes bens:

Lugre «Atlas» de 3 mastros e 450 toneladas construido para a pesca do bacalhau, em 1918, forrado de cobre e classificado, em magnifico estado de conservação, com todos os seus aprestes e aparelhos.

Este navio está fundiado em Aveiro (Gafanha).

O campo da seca de bacalhau, na Gafanha da Nazareth, com os seus armazens e utensilios devidamente relacionados; este campo tem a aria de 13.120 m2 e 3 armazens.

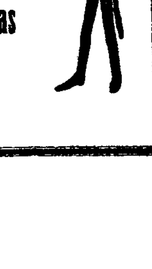
Um armazem de madeira no Canal de S. Roque.

O predio da sede da Companhia em liquidação, na Avenida Central.

A Comissão liquidataria reserva-se o direito de não entregar os bens praceados, desde que os lanços não atinjam a avaliação feita.

Quaisquer esclarecimentos se darão na sede da Companhia, todos os dias uteis das 11 ás 13 horas.

PEREIRA



ALFAIATE

Confecções para homens e senhoras
PREÇOS SEM COMPETENCIA
R. DA PRATA, 266, 1.°

Fabrica de
Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.° 1244
LISBOA

DFS

Instalações electricas
Orçamentos gratis
MATERIAL ELECTRICO
Grande stock de lampadas
PHILIPS-ARGA

É quem vende mais barato
Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430 / Telegrafo DIFONSO — DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da
Rua dos Fanqueiros, 122—LISBOA

COLARES

VIUVA GOMES

que se vende em todas as boas casas

Grande Prix na Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922

Agentes gerais do país:
Regional Vinicola, L.da

DEPOSITO
R. Nova da Trindade, 90 (Tel. N. 2644)

PROPRIETARIA
Companhia de Vinhos e Azeites de Portugal
R. do Alecrim, 53, r/c. (Tel. C. 5113

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

AZEITES

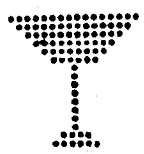
REFINADOS PARA
CONSERVAS
DA ACREDITADA CASA
CARBONELL & C.A (S. em C.)
CORDOBA

Pedidos e amostras aos agentes exclusivos para Portugal

J. Narciso, L.DA
Rua dos Alamos, 7—LISBOA
Telefone 3121 – N.

Côte d'Azur

É O MELHOR VINHO ESPUMANTE



Unicos depositarios no Continente, Ilhas e Africa:
Mercantil Continental e Insular
R. dos Bacalhoeiros, 37, 41

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Direcção Geral — Abastecimentos

Venda de papel inutilizado

No dia 5 de Setembro, pelas 15 horas, na estação central de Lisboa, (Rocio), perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para a venda de aproximadamente 40.000 quilos de papel inutilizado.

As condições estão patentes em Lisboa, na 4.ª repartição da Direcção Geral (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 ás 16 horas.

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relogio externo da estação do Rocio.

Lisboa, 11 de Agosto de 1923.

O Director Geral da Companhia
(a) *Ferreira de Mesquita*

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anonima—Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Horario dos comboios—6.° Aditamento ao Cartaz-horario D. 161—Linha de Oeste

Os comboios n.os 2507 e 2504 que, segundo o 4.° aditamento ao cartaz-horario D. 161, fazem desde 1 do corrente serviço de passageiros das três classes entre Bemfica e Torres Vedras, passam a ter 30 segundos de paragem na estação de Sabugo, igualmente para serviço de passageiros das três classes, mas sem bagagem registada.

Lisboa, 2 de Agosto de 1923.

O DIRECTOR GERAL DA COMPANHIA
Ferreira de Mesquita

PINTO & SOTTO MAYOR

BANQUEIROS

LISBOA — RUA DO OURO, 18, 24

PORTO — PAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras — Fundos publicos nacionais e estrangeiros

---

PÓ RODRIGUES

O melhor para destruir toda a qualidade de insectos, como: formigas, pulgas, traças, baratas, etc.

A venda em todas as drogarias, lojas de ferragens e mercearias

Depositarios: SALVADOR BARATA, L.DA
RUA DAS GAIVOTAS, 19-A

SOUZA, MOURA & C.A, L.DA

CASA BANCARIA

103, RUA AUREA, 105—LISBOA

Compra e venda de moedas, notas estrangeiras, papeis de credito, ordens de Bolsa, cheques sobre as principais praças do País e estrangeiro, depositos á ordem e a praso. Todas as transacções bancarias.

Telefone C. 3033 — End. Tel. SOURA

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

O MASSACRE DA ALBANIA

GUERRA

entre

A ITALIA e a Grecia?

ROMA 31

Anuncia-se oficialmente que a Italia está disposta a tomar medidas severissimas contra a Grecia a quem julga responsavel pelo massacre da missão italiana. O almirante Thaon de Revel que estava em Pola foi chamado urgentemente a esta cidade por Mussolini.

A situação tomou um aspecto de suma gravidade tendo os jornais sido proibidos de dar noticias acêrca do movimento das tropas. Daqui se pode deduzir que o governo está disposto a fazer uso da força para obrigar a Grecia a satisfazer integralmente as exigencias da nota de Mussolini.

O conselho de ministros aprovou por unanimidade as declarações de Mussolini sobre as reparações exigidas á Grecia.

Em toda a Italia não se têm dado incidentes em consequencia do formal pedido de Mussolini, dirigido ao povo italiano, para que domine a sua usual fogosidade, aguardando serenamente o desenrolar dos acontecimentos, tendo os «fascistas» recebido instruções nesse sentido.

A censura é exercida com especial tacto nos dois paises, chegando ao ponto de em Athenas não ter ainda sido publicado o «ultimatum» italiano. —(E.)

A Grecia

não aceita o «ultimatum?»

A Grecia parece achar-se disposta a aceitar parte das reclamações italianas, reservando-se discutir outra parte e, aparentemente, persiste na opinião de que a saudação á bandeira italiana por uma esquadra grega e a assistencia ministerial ás exequias na igreja catolica de Atenas, constituem condições humilhantes.

A imprensa italiana unanimemente exige uma exemplar punição para os autores do atentado.

O governo italiano expulsou três jornalistas gregos que se manifestaram desfavoravelmente para com as medidas tomadas pela Italia.

A legação da Albania em Roma comunicou á imprensa uma nota oficiosa do seu governo repelindo a calunia, insinuada pelos jornais gregos, de que o atentado foi cometido por albaneses.—(L.)

As razões

do barbaro assassinato

ROMA, 31

O assassinato dos membros da missão italiana é atribuido aos gregos do Epiro que ficaram descontentes porque a Conferencia dos Embaixadores se recusou a alterar a linha de fronteiras para incluir 22 aldeias opirotas no territorio grego. O membro da missão francesa que estava no local do crime diz que quando a missão italiana ia em automovel de Janina para Santiquaranta atravez de terreno arborisado, foram surpreendidos por individuos que estavam ocultos numa floresta junto do caminho. Encontrou o major Corti morto dentro do automovel. O general Tellini presidente da missão inter-aliada estava caido a 20 metros do automovel no meio dum lago de sangue. Ao longo da estrada estavam mais 3 corpos mas mais proximo do automovel. Não foram roubadas as joias nem o dinheiro aos cadaveres, concluindo-se de ahi abertamente que o assassinato obedeceu a fins politicos. — (R.).

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

A RESPOSTA

DA BELGICA á nota britanica

As negociações anglo-franco-belgas

Discute, a seguir, as observações britanicas ácerca da questão da prioridade e não admite que esta tenha sido tratada já demasiado favoravelmente, nem que, ácerca dela, possa mostrar-se exigente. Recorda com firmeza a prioridade restricta que se concedeu á Belgica no tratado de Versailles, e que constitue unicamente a execução dos compromissos contraidos com caracter absoluto, a respeito dela, durante a guerra, e afirma que, não obstante, a Belgica consentiu que se procedesse a novas combinações em detrimento dos seus interesses imediatos e em beneficio dos interesses aliados, para manter a Entente.

Discute, depois, a afirmação britanica de que a Belgica cobrou já uma importancia superior á que foi paga aos outros paises, citando numeros da comissão de reparações, que demonstram ser falsa tal afirmação, e regista o acordo de todos ácerca da estreita correlação que existe entre as reparações e as dividas inter-aliadas e ácerca da urgencia de conhecer a quanto montam as necessidades essenciais dos credores da Alemanha.

Como as importancias correspondentes á França, á Italia e á Belgica são já parcialmente conhecidas, a nota aprecia o desejo de se chegar a um acordo pela fixação da soma a que a Gran-Bretanha se julgue com direito. A divida alemã pode, em consequencia, ser reduzida consideravelmente, e os estudos feitos pelo governo belga demonstram por que meios pode a Alemanha pagar, depois de um periodo transitorio, as anuidades correspondentes.

Mais: a Belgica não pode admitir que cheguem a pagar-se com os seus proprios «bonus» as dividas inter-aliadas das outras potencias.

A nota termina insistindo no interesse que deve ter para todos, e que principalmente tem para a Belgica, a questão da segurança, em cuja solução estriba a pacificação dos animos e toda a possibilidade de redução dos armamentos, reiterando o seu desejo de discutir esta questão com o governo da Gran-Bretanha.

Está já em poder dos governos interessados a resposta belga á celebre nota britanica de 11 de Agosto corrente. Tratando-se de um documento da mais alta importancia internacional, não queremos deixar de a arquivar nesta pagina, para melhor conhecimento da magna questão do Ruhr que lhe deu causa.

No preambulo, lamenta-se o governo belga de que os esforços conciliadores intentados em 30 de Julho ultimo, não tenham sido devidamente apreciados e faz-se constar que o paragrafo da nota britanica relativo á prioridade belga causou impressão penosa no país, e afirma-se textualmente que a Belgica «continuará a procurar uma solução pratica susceptivel de conduzir a um acôrdo unanime entre os aliados».

A primeira parte do texto observa: 1.º— que se baseia num equivoco o paragrafo da nota britanica no qual se afirma que a Belgica não fez alusão alguma ao projecto de resposta do governo britanico á Alemanha. 2.º — Que o governo belga não considerou nunca como imutaveis as suas indicações atinentes á solução do problema das reparações; e não merece, portanto, ser acusado de querer subordinar todos os compromissos á aceitação previa do sentido das suas reivindicações. 3.º — A respeito da ocupação do Ruhr o governo belga limitou-se a aplicar as medidas projectadas já pelos aliados. A oportunidade da ocupação foi discutida, no decurso das negociações, mas não o foi a sua legalidade. 4.º — A nota recorda as medidas de *contrôle* adoptadas para a ocupação chamada invisivel, primitivamente aplicadas e modificadas depois, a pretexto da resistencia oposta pela Alemanha. A ocupação conserva, não sbstante, para o governo belga, o caracter de simples garantia, o qual passará a ser um *contrôle* inter-aliado desde que a resistencia alemã cessasse, e determinaria a evacuação progressiva, caso fossem executadas as obrigações impostas ao governo de Berlim. A Belgica, portanto, não se propõe permanecer definitivamente no Ruhr, nem se nega a examinar as indicações do governo britanico, relacionadas com obtenção de garantias produtivas por parte da Alemanha.

NOTICIARIO DO BRASIL

JANTAR

entre

O MUNDO financeiro

RIO DE JANEIRO, 30

Os jornais continuam a referir-se com entusiasmo e grande copia de pormenores ao banquete oferecido em honra do dr. Cecinato Braga, presidente do Banco do Brasil, pelos directores de todos os Bancos nacionais e estrangeiros.

O facto representa, realmente, um grande acontecimento, por significar o aplauso á politica financeira do grande economista e, por consequencia, do governo.

Assistiram os srs. drs. Estacio Coimbra, vice-presidente da Republica, ministros das Finanças, das Relações Exteriores, do Trabalho, da Guerra, da Agricultura e da Marinha, presidentes do Senado e da Camara dos Deputados, prefeito do Rio de Janeiro, chefe da policia, numerosos senadores e deputados, capitalistas, directores de todas as casas de credito, presidentes de todas as Associações Comerciais e Industriais, etc.

O discurso

de Jaime de Vasconcelos

Ao champagne, o dr. Jaime de Vasconcelos, director do Banco do Brasil, do Rio de Janeiro, exaltou a personalidade de Cecinato Braga, recordou os serviços por ele prestados ao Brasil, terminando por declarar que a comprovada clarividencia do ilustre financeiro naturalmente o impôz para a presidencia do Banco do Brasil e que a nação muito pode esperar dum tal homem á frente do seu principal estabelecimento de credito.

Cecinato Braga, recebido no meio de aclamações, agradeceu, dizendo que aceitára a presidencia do Banco porque, sendo um dos mais ardentes defensores do projecto de lei que transformaria o Banco do Brasil em Banco central de emissão, a sua escusa ao serviço de organisação concreta equivaleria a uma deserção do seu posto de homem publico.

A politica

que tem sido seguida

A direcção do banco tem seguido sempre uma politica favorovel á fundação e ao desenvolvimento dos bancos, os quais por muito modestos que fossem queria ver dessiminados em todo o interior do Brasil, sendo seu objectivo converter o Banco do Brasil em banqueiro dos bancos em vez de os sustentar como bancos particulares, tanto mais que a função primordial dos bancos centrais é a emissão. O momento actual não comporta nenhuma dissertação doutrinaria acerca das multiplas causas da baixa de cambio brasileiro.—(R.)

AVENIDA PARQUE

Antigo Parque Mayer (á Rua do Salitre)
VARIEDADES
RECREIOS e DIVERSÕES
Concertos de *jazz-band*.— Serviço de refrescos na esplanada.—Teatros.— Glissagem.—Tombola de animais
O RECINTO MAIS ANIMADO
E AGRADAVEL DE LISBOA
As senhoras e crianças acompanhadas de cavalheiros e familias têm ENTRADA GRATUITA

TEATRO AVENIDA

RETUMBANTE SUCESSO
REVISTA
DE PRAXEDES
de ANDRÉ BRUN
ARTE LUXO
GRAÇA e BOM GOSTO

EDEN TEATRO

HOJE — Quinta-feira, 30 — HOJE
EXITO COLOSSAL
Luísa de Lerma
celebre bailarina internacional
Com pleno sucesso Maria Gayarre, Maruja del Oro, Las Castellanitas, Carmen de Cadiz, Consuelito Lopes, Helenita Marin, Pepita Renau.
Sexteto dirigido pelo maestro JOSÉ BONET
Preços populares com direito ás duas sessões

TEATRO MARIA VICTORIA

(Avenida Parque Mayer)
HOJE — 2 espectaculos 2 — HOJE
FADO CORRIDO
A mais aplaudida de todas as revistas
Sucesso brilhantissimo do quadro
FITAS FALADAS
Charge espirituosissima!
Preços populares!

TEATRO SÃO LUIZ

O ultimo adeus da encantadora LA GOYA
que parte ámanhã para Madrid
HOJE — Definitivamente ultimo espectaculo dedicado á colonia hespanhola e ao publico de Lisboa e
Despedida da celebre tonadillera
LA GOYA
que em homenagem ao publico apresenta hoje todas as suas canções que maior agrado e maior exito teem alcançado.
Assombroso e artistico programa
A fim de a grande artista LA GOYA poder apresentar um vasto e completo repertorio em todos os generos, o espectaculo principia ás 9 e um quarto em ponto, representando-se, completa, a revista
FADO CORRIDO
Noite de entusiasmo e de alegria

Telefones do "Diario de Lisboa" { Redacção—C. 3194 / Administração—C. 3195

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

O desanove de Outubro

E' PRESA

mais uma testemunha POR CAIR

em contradições

Setima audiencia O secretario do tribunal sr. tenente Gama, faz a leitura de algumas deprecados dos depoimentos das testemunhas ouvidas em Leiria.

*

Depõe a testemunha de defesa, sr. Julio Candido de Oliveira, secretario da administração do codcelho de Leiria que descreve como se deram os acontecimentos na estação. Diz que depois da manifestação ao novo administrador sr. tenente Lopes, um individuo com uma lanterna na mão comunicou ao povo que ia numa das carruagens o industrial sr. Alfredo da Silva.

—Depõz livremente?

—Quando fui interrogado, os agentes que acompanharam o sr. dr. Alexandrino de Albuquerque ameaçaram-me, obrigando-me a fazer declarações sobre coisas que não tinha visto.

—Isso é uma afirmação muito grave...

—Mas é verdadeira. Eu fui escrivão de direito durante muitos anos e por isso sei a responsabilidade que me cabia se eu faltasse á verdade.

—Foi só comsigo que se deu esse caso?

—Com quasi todas as testemunhas. Houve até ameaças e promessas.

O promotor:—Porque não disse ao juiz de direito o que acaba de dizer.

—Porque me não preguntaram.

—O seu depoimento está em contradição com o que acabou de dizer.

O presidente do juri:—Foi o industrial sr. Alfredo da Silva quem deu o primeiro tiro?

—Sim, senhor.

O promotor requer que a testemunha seja acareada com o tenente Lopes, para se saber quem disparou o primeiro tiro.

O tenente Lopes diz não poder precisar se a pistola do sr. Alfredo da Silva fez fogo.

O promotor requer para que se levante o respectivo auto á testemunha por cair em contradições.

O sr. dr. Alfredo Nordeste opõe-se ao deferimento do requerimento. Declara que a lei permite ás testemunhas esclarecerem e alterarem ou modificarem os seus depoimentos quando tiverem de depor em audiencia.

O juiz dr. Ribeiro Castanho declara que a admitir-se o segundo depoimento como verdadeiro importa uma contradição que pode considerar-se um falso testemunho.

O presidente defere o requerimento do promotor.

Em seguida o juri recolhe para deliberar, voltando pouco depois com a sentença, em que deve ser levantado o auto á testemunha, pelo que recolhe sob prisão ao governo civil, devendo seguir hoje para Leiria.

CINEMA CONDES

Um belo programa

O programa de hoje no Condes anuncia uma bela estreia: «A vingança de Tarzan». Tarzan é o homem das selvas, o homem-macaco, que conhece a vida e a linguagem de todos os animais com os quais conviveu. A sua vingança é uma vingança contra os homens civilizados que o perseguem. Completam o programa o empolgante «film» de aventuras «Mãos de Arminho» e as engraçadissimas comedias burlescas «Caça á raposa» e «Serapião procura casa».

Uma excursão

A excursão que a «Cruz de Malta» se propunha realizar a Setubal, no proximo domingo, dirigir-se-ha a Vila Franca devido ao estado do mar.

Uma questão importante

A suspensão

do "modus-vivendi,, com a França

só veiu prejudicar o comercio português

A suspensão do «modus-vivendi» com a França continua a preocupar deveras o comercio português, pela grave situação que lhe criou.

Um considerado comerciante que tem estudado com interesse a questão, disse hoje ao «Diario de Lisboa»:

—Não calcula os prejuizos causados por essa suspensão inesperada.

—Porquê.

—Nas nossas alfandegas e em transito veiu encontrar inumeras mercadorias importadas da França.

—De modo que...

—Todas essas mercadorias ficaram assim sujeitas aos direitos da pauta maxima. E póde ter a certeza de que o que levou os comerciantes a importarem-nas, foi a convicção de que o «modus-vivendi» não seria denunciado. Muitas delas mesmo não dão margem para o pagamento de tão grandes direitos.

—Isso mesmo entendeu, em devido tempo, o Conselho do Comercio Exterior, não é verdade?

—E'. Tanto que reconheceu que era justo prolongar para tais mercadorias a situação anterior á denuncia do «modus-vivendi». O director geral das alfandegas e o ministro das Finanças foram da mesma opinião.

—Foi apresentada até uma proposta de lei á Camara...

—Foi. Determinava a aplicação do regimen anterior ás mercadorias armazenadas ou em viagem até 15 de Julho.

—O Parlamento...

—Esqueceu-se, porém, de resolver o assunto...

—Em presença disso...

—A Associação Comercial enviou uma exposição ao ministro das Finanças, mostrando a necessidade urgente de solucionar tal problema.

—Nessa exposição...

—Explica-se que as mercadorias em questão, além de estarem ameaçadas de leilão pela Alfandega, teem de pagar elevadas taxas de armazenagem.

—Em resumo...

—Em França, tudo se arranjou de forma a proteger as mercadorias portuguesas em transito á data da denuncia do «modus-vivendi».

—De modo que...

—A não se fazer o mesmo em Portugal, os prejuizos causados pela denuncia do «modus-vivendi» serão apenas sofridos pelo comercio português.

PELOS TEATROS

O novo administrador

DO TEATRO NACIONAL

é o escritor Lino Ferreira

A' porta duma tabacaria da Baixa, um ex-secreterio da Casa de Garrett, em posição de descanso, charuto na boca, chama indolentemente a atenção do jornalista.

—Então o que ha?

O comico, como quem já esperava a pregunta, respondeu, com certos ares de misterio:

—Grandes novidades no meio teatral...

—Boas?

—Não são más... Foi publicada a reforma do Teatro Nacional.

—Mas isso não é novidade!

—Decerto que não! A propria reforma é tudo quanto ha de mais velha...

—Tendo sido elaborada por gente nova...

—Meu amigo: a casa de Garrett não precisa de reformas. O que ela precisa é de juizo. E' um genero que quasi sempre escasseou por lá—e continuará a escassear...

—Mas a tal novidade?

—Sabe quem vai ser nomeado administrador da futura sociedade artistica?

—Não adivinho.

—Nem é necessario matar o cerebro a fazer calculos, porque eu digo-lh'o já.

—Quem é, quem é?

—O Lino Ferreira.

—Boa escolha!

—A portaria deve seguir hoje mesmo para o *Diario do Governo.*

—Parece-lhe acertada a nomeação?

—Evidentemente. O Luis Ferreira é uma pessoa de bem, conhece teatro e é capaz de se interessar a serio pelos bons destinos da sociedade que vai dirigir. Mas...

—Mas?

—Temo que a sua bondade ilimitada não seja tomada na devida conta por determinados artistas que mais do que societarios, pretendem ser patrões...

—Talvez o tempo se encarregue de desmentir a sua opinião...

—Talvez... e se assim suceder todos nós lucraremos com isso...

Conselho de ministros

A situação financeira

O conselho de ministros voltou efectivamente a reunir-se hoje, na secretaria das Colonias, versando assuntos administrativos pelas pastas da Instrução e da Guerra. O conselho ultimou a discussão das soluções imediatas, apresentadas pelo sr. ministro das Finanças, aprovando-a em principio e encarregando o sr. Velhinho Correia de elaborar a respectiva redacção final.

Apreciou tambem as modificações a introduzir na actual lei do inquilinato.

Os fugitivos de S. Julião da Barra

As deligencias da policia

Foi hoje interrogado na P. S. E. o pedreiro José Lourenço, o mesmo que ficou substituindo na casamata do presidio de S. Julião da Barra o preso José de Melo, para lhe facilitar a fuga.

Depois do interrogatorio voltou a ser internado num dos calabouços do governo civil.

Do mesmo presidio veiu hoje para o governo civil, para ser identificado, outro preso, Vasco Soares, acusado tambem de bombista.

O homicidio de ontem

O CRIME

do largo de S. Domingos

A POLICIA

ja está em campo

Continua rigorosamente incomunicavel, num dos calabouços do governo civil, o cumunista Daniel Severino, autor do crime de homicidio praticado ontem á noite na baixa, e do qual foi vitima Antonio Duarte, auxiliar da Policia de Segurança do Estado. Este ultimo militou durante muito tempo, tambem no Partido Comunista, motivo porque fôra preso recentemente. Uma vez em poder da policia, valeu-se, pelos modos, do conhecimento que tinha dos meios comunistas, para denunciar os seus antigos companheiros de luta, oferecendo-se, mesmo, ás autoridades, para os denunciar. O seu oferecimento foi aceite; e o Antonio Duarte, na qualidade de auxiliar da P. S. E., cargo de que fôra investido, apontou os autores de varios atentados pessoais cometidos nos ultimos tempos, e ajudou sobremaneira as deligencias policiais, quer indicando os locais onde estavam escondidas bombas e outros explosivos, quer descobrindo os nomes dos individuos que as fabricavam.

As investigações sobre o crime de ontem foram confiadas á primeira secção da Policia; a cargo do chefe Murtinheira; o que não impediu que o homicida estivesse hoje a prestar declarações tambem, na P. S. E.

Mantem-se na afirmativa de que não tem cumplices, o que, no entender dos investigadores, não tem muitos visos de verdade.

Momentos depois dessa diligencia, o Daniel Severino foi acareado com Manuel Covas e Adriano Gonçalves, sapateiros, os quais foram presos tambem, por ocasião do atentado, por pretenderem justificar o crime.

Logo de manhã, os agentes Quental e Mario da Silva, da Investigação, passaram uma rigorosa busca á casa onde o criminoso residia.

Resultado? Não conseguimos sabê-lo. A policia guarda sobre essa diligencia a mais absoluta reserva.

O Daniel Severino é casado e tem 4 filhos menores.

* * *

Não obstante, como dizemos, a declaração do criminoso de que não teve cumplices, a policia apurou já que estava organisado um «complot» para assassinar o Antonio Duarte, «complot» esse de que faziam parte mais três individuos que desapareceram no momento do atentado, levando um deles a pistola com que foi praticado o crime.

O Daniel Severino, que já ha muito era procurado pela policia, como um dos poucos bombistas que faltava prender, limita as suas declarações a dizer que matou o Duarte por ele ser traidor.

CAMBIOS

Dia 31

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 7 16	2 13/32
» 90 dias	=	=
Paris	1$220	1$240
Berlim	=	=
Holanda	8$510	8$620
Madrid	2$920	2$960
Bruxelas	990	1$015
Roma	930	945
Suiça	3$905	3$960
Suecia	=	=
Noruega	=	=
Dinamarca	=	=
Nova-York	21$620	21$910
Brasil	2$090	2$120
Rio Londres	5 3/32	=
Libra esterlina	=	=
Agio do ouro	=	=

MARIO MONTEIRO

ADVOGADO

Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil

Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.

Telef. 5432—Norte

R. Gremio Lusitano, 40, 1.º—(«Jornal da Europa»)